

Crítica // Ghostbusters: Apocalipse de gelo ★★★

Aventura fantasmagórica

Ricardo Daehn

Uma equipe meio des-preparada atua, paralelamente, às duas forças oficiais concentradas na nova aventura dirigida pelo inglês Gil Kenan. Para além de Gary (Paul Rudd) e Callie (Carrie Coon) junto com familiares, e ainda dos antigos caça-fantasmas, em que persistem Winston (Ernie Hudson), Ray (Dan Aykroyd) e Peter (Bill Murray), a jovem Phoebe (Mckenna Grace) busca seu flanco de atuação quase independente para espantar as assombrações. O grande problema é que todos seguem algo desacreditados e vistos de modo atravessado por autoridades.

SONY PICTURES/DIVULGAÇÃO



Cena de Ghostbusters: apocalipse de gelo

Extração de ectoplasmas, animação de estátuas de pedra e a ameaça do planeta, seja por gelo ou fogo, agitam toda a patota que ganha o reforço do inseguro Naddem (Kumail Nanjiani). Como se nota, há um excesso

de personagens na trama em que, não apenas a casa dos bombeiros (em que vive a rara prole de Gary) é posta em risco, mas no qual um artefato arcaico jocosamente chamado de Testículo do Diabo ameaça impor uma

segunda A era do gelo para todos. Muitas piadas trazem sarcasmo e outras reavivam a graça (diluída) dos caça-fantasmas que chegaram à chamada “melhor idade”.

As entradas e saídas, do nada, criam uma certa confusão no roteiro assinado pelo (falecido) Ivan e Jason Reitman, pai e filho, pela ordem, (além do diretor). Com apelo retrô-futurista, o clássico rabecão divide espaço com drones e novas gerinças. Além da divertida presença da esperta Phoebe (que vive um momento bem Disney, leia-se, à la Elementos), o filme aposta na divertida coroação do Mestre do Fogo e traz a sempre graciosa interação dos pequenos fantasmas com cara de marshmallow.

Crítica // 20.000 espécies de abelhas ★★★★★

Me chame pelo meu nome

Justo o festival internacional de cinema de Berlim, que aboliu diferenciação de gênero para os prêmios de interpretação, entregou para a pequena atriz Sofía Otero, aos 9 anos, o Urso de Prata pela atuação no papel de uma menina transgênero, no filme de estreia de *Estibaliz Urresola Solaguren*. Os cabelos compridos, as unhas pintadas e a adoração por sereias apontam um mundo diferenciado para

IMOVISION/DIVULGAÇÃO



Filme 20 000 especies de abelhas: discussão sobre gênero

Cocó, o menino (em transformação interna) cuja família teima em chamar de Aitor. Ane e Gorka, os pais (papéis de Patricia López Arnaiz e Martxelo Rubio) se notam sem coordenadas, no filme ambientado na região

do país basco.

De férias, as agitadas crianças como Eneko e Neria, irmãos de Aitor, travam contato com as esculturas feitas em família e cuja matéria-prima está intimamente ligada à apicultura

(com a cera de abelha definindo as formas das obras moldadas). Um mundo de julgamentos (externos) sufoca os toques de feminilidade da criança que está disposta (e clama) pelo tratamento junto a adjetivos como “nervosa”, “tranquila” e urina sentada. A mãe, em casa, sempre desencorajou divisões entre “as coisas de meninos” e “as coisas de meninas”, mas nunca foi a fundo nisso.

Falado em espanhol e basco, o filme afunila em momentos de acolhimento e de velado preconceito, tudo no tom da sutileza. Descobertas de fé, convicção e pecado circundam o filme que carrega nas metáforas.